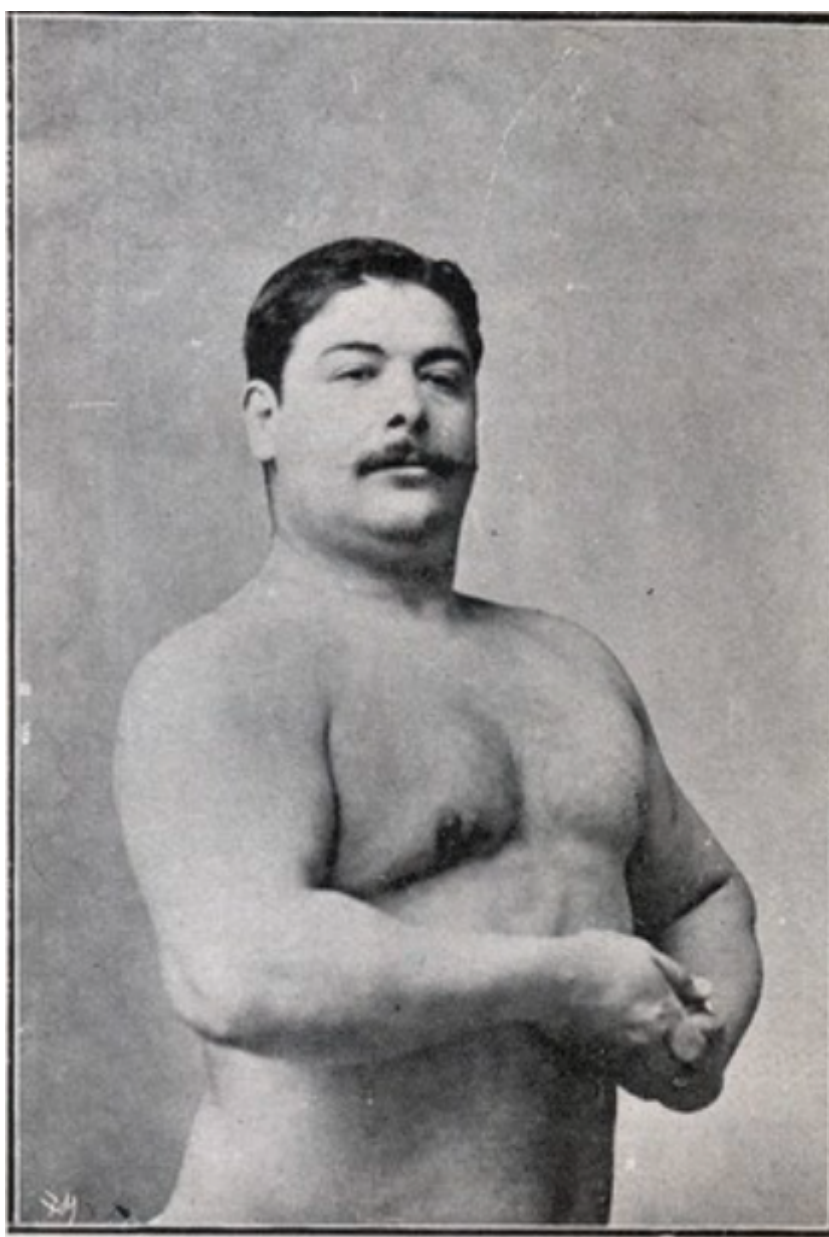


Francisco Padinha, o Hércules maldito

Foi campeão de força, nas duas primeiras décadas do século XX. A dada altura, deixou de poder competir por falta de adversários... A sua estreia brutal, literalmente, reservou-lhe desde logo um lugar na história do desporto. Personagens famosas no seu tempo e praticamente esquecidas, umas menos outras mais, é do que tratava esta série de pequenas biografias publicadas entre maio e julho de 2018 que assim terminou.



Francisco Padinha
quando apurado para
o Terceiro
campeonato de Luta
entre Amadores
Cliche Cardoso &
Corréa
in
Tiro&Sport
1908

Algarvio de Olhão foi nome de estádio de futebol durante quase 60 anos muito embora entre as principais modalidades desportivas que praticou, sagrando-se campeão de Portugal e do mundo, não conste o pontapé na bola. A sua estreia na luta foi... estrondosa, motivo de notícias e de conversas, anos a fio. Campeão de força amador morreu vítima dos conselhos nutricionistas do início do século passado.

Francisco Padinha tem uma história nebulosa até aparecer nas aulas de César de Melo, lutador e treinador do Real Clube Naval de Lisboa. Sabe-se que nasceu na "vila cubista" em 1878 e que ainda em tempo da monarquia começou a praticar luta e pesos e halteres, à época modalidades representadas pelos mesmos atletas amadores, cujos campeões ganhavam o título de "Hércules".

Em 1906, o seu nome apareceu nos jornais — conseguiu apurar-se para o segundo Campeonato Nacional de Luta, o primeiro por categorias, a dos lutadores levíssimos, leves, médios e pesados, a ter lugar no ano seguinte. Padinha, de 29 anos, tinha 105 kg e uma musculatura respeitável, onde despontavam com vigor o estômago e a barriga, já indicadores de uma dieta "especial".

Estreou-se Francisco Padinha de forma avassaladora em janeiro de 1907, no salão do Teatro da Trindade, em Lisboa, pondo fora de combate Aires Gomes de Almeida, aluno do mesmo professor, uma promessa. Agarrou o adversário pela cintura, serrou os braços à sua volta. "Padinha, que é um tanto surdo, tomou o sussurro por excitações e apertava mais, cada vez mais. Queria erguer Aires e não podia! Num repelão tentou um esforço maior. Aires inutilizava os seus esforços", recorda "A Capital" oito anos mais tarde.

"Então Padinha curvou-se para a frente, apertando cada vez mais a cintura do companheiro! Este dobrou-se, a face tomou uma cor lívida e deixou-se cair para trás, gritou-lhe para o largar, mas ele, um tanto surdo, não o ouviu! Correram médicos. Alguns, exageradamente, diagnosticaram uma fratura da coluna. Mas o choque fora violento e a coluna sofreu, na verdade, um traumatismo brutal."

Contou na altura um jornal desportivo que o atleta sofreu "uma forte distensão dos ligamentos vertebrais ao mesmo tempo que a medula, 'ipso facto', com a violência do choque se negava a estimular os membros inferiores", por isso, saiu em braços do ringue. Aires esteve doente durante meses e nunca mais fez luta.

Mas no confronto com o mestre, para vencedor absoluto, Padinha cedeu. Diz-se que foi um "momento de indizível comoção" para a assistência. Feitas as contas, sagrou-se campeão de pesados deixando a taça Holbeche nas mãos em que já se encontravam, nas de César de Melo. Era uma força da natureza, mas a estreia dar-lhe-á uma áurea de maldito. Para vencer o

apodo, tentará, com êxito irregular, ser bom no conjunto dos exercícios clássicos, nos pesos e halteres e no lançamento do disco.

Padinha sagrou-se campeão mundial em 1913, destronando no halterofilismo, outro português, Manuel Silveira que em 1909, na cidade de Paris, estabeleceu três recordes. A partir de 1910, altura em que Silveira se despediu das competições, Padinha não terá competidor à altura. Entre 1911 e 1915, o atleta olhanense, integrando a equipa do Sporting Clube de Portugal, foi campeão nacional de luta de tração à corda. Em 1914, com 115 kg, começara a dedicar-se ao jogo do pau para se distrair já que ninguém se atrevia desafiá-lo. No ano seguinte, até surgiu uma polémica que lançou a dúvida sobre os seus resultados inigualáveis, ficando por aí.

Era considerado “um excelente amador, bom rapaz, bom camarada, que dividia o seu trabalho pelo treino de pesos e de alteres pela direção de clubes de desporto”, entre estes o Ginásio Clube Português e o Sporting. E seguia a “dieta” recomendada, bebia litradas de vinho e de cerveja, a maioria das vezes acompanhadas por pratos calóricos nada recomendáveis.

Seguia o caminho dos héracles europeus. Um dia os grandes campeões Apollon e Pons encontraram-se para almoçar: na sopa, cada um despejou meio litro de vinho; com a omeleta beberam uma litrada cada; o assado, acompanharam-no com mais oito garrafas, desta vez com a ajuda de Parent, o héracles do norte. “A comida foi para a barriga das pernas, dando-me força, e o álcool para a cabeça, dando-me energia”, respondeu Apollon, quando lhe perguntaram como conseguia levantar tanto peso depois de tamanha refeição.

A dieta de calorias e álcool foi durante décadas enaltecida e tornada imprescindível para o bom desempenho desportivo. Em 1897, “O Século” dizia que o segredo da “força colossal” do campeão flaviense de 21 anos, dito o primeiro héracles português, estava no presunto, no pão de milho e no vinho verde. Em 1910, César de Melo, salientando a irresponsabilidade do artigo, recordava que ele mais alguns seus colegas de escola quiseram seguir a “maneira fácil” como João Azevedo chegara a campeão e aplicavam todo o dinheiro na “compra de tais drogas”.

Francisco Padinha morreu no dia 19 de agosto de 1918, em Pinheiro de Loures, vítima de cirrose alcoólica, tinha 40 anos de idade. Cinco anos depois, Olhão batizou com o seu nome o novo estádio de futebol. O “Padinha”, como era conhecido o recinto, nunca teve piso de relva e foi desativado em 1984. Agora, o local onde o Sporting Clube Olhanense se sagrou campeão nacional em 1924, no ano seguinte à inauguração, é um centro comercial.